

DOSSIÊ: HISTÓRIA SOCIAL DE GOIÁS

MULHER, FAMÍLIA E DOMICÍLIO EM GOIÁS NO SÉCULO XIX: CORUMBÁ E BONFIM (1851)

*Tarcísio Rodrigues Botelho**

Resumo

Os estudos sobre família e domicílio no Brasil avançaram significativamente nas últimas décadas, com a simultânea busca da compreensão do papel da mulher. Entretanto, os trabalhos se concentram, sobretudo, na região Centro-Sul. Assim, quero destacar a antiga província de Goiás, enfocando duas freguesias localizadas na zona centro-sul da província: Bonfim e Corumbá. O levantamento das suas populações, realizado em meados do século XIX, produziu listas contendo o nome, idade, cor, estado conjugal e condição social de toda a população das freguesias, dividida segundo o domicílio. Neste trabalho, procuro caracterizar a sua população e analisar seus domicílios, percebendo em que medida a localização dos domicílios (no meio urbano ou rural) e o sexo de seus chefes influenciaram seu perfil.

Palavras-chave: Gênero; família; domicílio; demografia histórica; Brasil.

Os estudos sobre família e domicílio no Brasil avançaram significativamente nas últimas décadas. Retomando uma tradição já consolidada nas ciências sociais brasileiras, os historiadores contribuíram decisivamente para o repensar da família e sua trajetória no tempo, revendo conceitos e visões até então consolidados. No cruzamento destes estudos com a demografia histórica, foi possível redefinir a família

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Mestrado em Ciências Sociais: Gestão das Cidades e do Curso de História da PUCMinas.

patriarcal brasileira, bem como o papel dos diferentes membros no grupo doméstico. Houve também um avanço significativo na compreensão do papel da mulher, impulsionado pelo desenvolvimento dos estudos de gênero no Brasil.¹ Entretanto, estes estudos se concentram sobretudo na região Centro-Sul, em especial nas áreas dos atuais estados de São Paulo e Minas Gerais. Favorecida tanto pela riqueza de fontes quanto pela concentração de pesquisadores, esta região encontra-se razoavelmente conhecida e explorada no que tange à compreensão da família, do domicílio e da mulher no seu passado.

O mesmo não acontece para outras áreas, dentre as quais quero destacar a antiga província de Goiás, ainda pouco explorada pelos estudos desta natureza. Ocupada pelos portugueses a partir da descoberta de minas de ouro, dentro do mesmo processo de expansão de povoamento que incorporou as áreas dos atuais estados de Minas Gerais e Mato Grosso, a Capitania de Goiás assistiu ao rápido devassamento de seu território e à fixação de uma população relativamente adensada em torno de algumas áreas especialmente ricas em formações auríferas.² A decadência da mineração levou à afirmação da agropecuária como a principal atividade econômica, fenômeno este que, segundo alguns autores, teria provocado uma ruralização da sociedade goiana e uma conseqüente decadência da vida urbana, até então relativamente intensa.³ Dentro desta nova realidade, apenas aquelas localidades que passaram a exercer o papel de entreposto comercial continuaram a ter uma vida urbana significativa.

Neste estudo, vou focar duas freguesias localizadas na zona centro-sul da província, no caminho para São Paulo (Palacín & Moraes, 1989): Bonfim e Corumbá. Para estas localidades, realizou-se em meados do século (1850 em Corumbá e 1851 em Bonfim) o levantamento das suas populações, trabalho este que ficou a cargo dos párcos locais, provavelmente atendendo a pedidos do governo provincial. Foram confeccionadas listas contendo o nome, idade, cor, estado conjugal e condição social de toda a população das freguesias, dividida segundo o domicílio. Ademais, estão explicitadas as relações entre os membros dos domicílios, o que as torna especialmente favoráveis ao estudo da estrutura dos domicílios.⁴ Neste momento, estarei preocupado, sobretudo, com a caracterização geral de sua população e em especial com a análise dos domicílios. Pretendo perceber em que medida a localização dos domicílios (no meio urbano ou rural) e o sexo de seus chefes influenciaram seu perfil.

1. A freguesia de Corumbá

A localidade de Corumbá (atual Corumbá de Goiás) foi fundada no final da terceira década do século XVIII, dentro das primeiras levas de descobertas auríferas realizadas na Capitania. No século XIX, conheceu uma redefinição de suas atividades econômicas, com o predomínio da agropecuária e das atividades comerciais. Por se situar próxima a Meia Ponte (atual Pirenópolis), pôde usufruir as benesses trazidas pelos fluxos comerciais oriundos de São Paulo e Minas Gerais e que demandavam à capital, Vila Boa. Passando por aí na segunda década do século XIX (1819), o viajante francês Auguste de Saint-Hilaire (1975, p.32-3) testemunhou o abandono das atividades mineratórias e a importância então assumida pela agropecuária, onde destacava-se o cultivo de fumo. Também o austríaco Johann Emanuel Pohl (1976, p.116), no mesmo ano de 1819, destacou a cultura do tabaco e a criação de porcos como atividades que, ao lado da fabricação de tecidos grosseiros, ocupavam uma população outrora envolvida nas lavras de ouro. Em meados do século, mais precisamente em 1855, a Câmara Municipal, em relatório dirigido à Presidência da Província, deixa claro que a agropecuária já se consolidara, indubitavelmente, como a atividade principal. Segundo os vereadores,

“os generos que mais abundão, e anualmente se exportão para fora, não só para a Capital da Provincia como para outros lugares, são Assucar, Café, Farinha de trigo, Fumo, Toucinho, Gado vacum, e cavalar, e com mais frequencia os Bois de carro que no decurso do anno findo, e no presente tem sahido em grande numero”.⁵

O seu núcleo urbano, por sua vez, tinha, em 1819, “o formato de um triângulo, achando-se situado na encosta de um morro, tendo a seus pés o rio que lhe dá o nome. Suas ruas são largas, e as casas pequenas e extremamente baixas” (Saint-Hilaire, 1975, p.32). Os moradores do arraial, ainda segundo este mesmo autor, em sua maioria trabalhavam para os agricultores das redondezas, e as mulheres fiavam o algodão. Pohl, no mesmo ano, descrevia, em sua típica má-vontade para com o Brasil, que o cenário pitoresco vislumbrado por quem avistava a “aldeiazinha” ao longe era logo desmentido pela entrada em seu interior:

“A aldeia não correspondia em nada ao seu aspecto à distância. Vê-se, ao penetrar nela, depois de transposto o aurífero Rio Corumbá, que os telhados, alegres e brilhantes ao longe, cobrem miseráveis e semi-arruinados casebres de barro. Consta ao todo de duas vielas íngremes, construídas irregularmente. As casas são térreas; edificadas no centro da localidade, a igreja oferece a única bela vista da aldeia” (Pohl, 1976, p.115-6).

Elevada a distrito de paz em 1832 e a freguesia (sede de paróquia) em 5 de dezembro de 1840, apenas em 2 de julho de 1849 alcançou os foros de vila, instalada a 7 de janeiro de 1853.⁶ Em 1850, poucos meses após sua elevação a vila, a lista nominativa dos habitantes da freguesia apresentava um total de 116 domicílios no interior do arraial, embora não os discriminasse em ruas. O relatório de 1855, referenciado anteriormente, descrevia sumariamente os poucos “equipamentos urbanos” disponíveis: aulas de instrução primária, cadeia e igreja matriz.

A lista nominativa mostra uma população livre jovem, com um predomínio dos homens nas faixas etárias inferiores a 15 anos e das mulheres entre os 20 e os 39 anos. São evidências curiosas, pois podem estar indicando uma saída de homens jovens, provavelmente para a fronteira agrícola, visto ser esta uma região já bastante ocupada. Entretanto, este problema não parecia estar afetando o conjunto da população, pois a razão de sexos de 101 indica o equilíbrio entre homens e mulheres.⁷ Havia uma população escrava pequena (9,2% da população total), com uma presença relativamente grande de crianças e um equilíbrio relativo entre os sexos (razão de sexos igual a 119) (Tabela 1).

Tabela 1

População por idade, sexo e condição social - Corumbá, 1850.

Faixas Etárias	Livres					Escravos				
	Homens		Mulheres		Razão de Sexos	Homens		Mulheres		Razão de Sexos
	N	%	N	%		N	%	N	%	
0-4	412	9,03	317	6,95	130	28	6,03	24	5,17	117
5-9	387	8,48	343	7,52	113	37	7,97	26	5,60	142
10-14	337	7,39	278	6,09	121	35	7,54	20	4,31	175
15-19	277	6,07	286	6,27	97	34	7,33	26	5,60	131
20-24	191	4,19	232	5,09	82	21	4,53	20	4,31	105
25-29	172	3,77	202	4,43	85	27	5,82	28	6,03	96
30-34	108	2,37	125	2,74	86	14	3,02	22	4,74	64
35-39	99	2,17	121	2,65	82	18	3,88	14	3,02	129
40-44	83	1,82	85	1,86	98	9	1,94	14	3,02	64
45-49	74	1,62	67	1,47	110	9	1,94	6	1,29	150
50-54	48	1,05	67	1,47	72	5	1,08	8	1,72	63
55-59	34	0,75	44	0,96	77	3	0,65	2	0,43	150
60-64	43	0,94	43	0,94	100	4	0,86	0	0,00	-
65-69	10	0,22	15	0,33	67	2	0,43	0	0,00	-
70 +	19	0,42	30	0,66	63	6	1,29	2	0,43	300
S. Inf.	1	0,02	12	0,26	8	0	0,00	0	0,00	-
Total	2295	50,31	2267	49,69	101	252	54,31	212	45,69	119
			4562					464		

Fonte: AHE, Livro 229.

A primeira diferenciação interessante a observar refere-se a uma clivagem entre as populações urbana e rural. No meio urbano, havia uma predominância das mulheres livres (razão de sexos de 83) e dos homens escravos (razão de sexos de 174), enquanto no meio rural a razão se invertia: predominavam os homens livres (razão de sexos de 103), com um maior equilíbrio entre os sexos dos escravos (razão de sexos de 113) (Tabelas 2 e 3). Os domicílios, por sua vez, tendiam a ser maiores no meio rural que no meio urbano: eram formados, em média, por 3 pessoas livres na zona urbana, contra 4,7 moradores no campo.

Tabela 2

População urbana por idade, sexo e condição social - Corumbá, 1850.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-4	28	7,95	10	2,84	3	5,77	2	3,85
5-9	24	6,82	25	7,10	4	7,69	1	1,92
10-14	31	8,81	25	7,10	5	9,62	0	0,00
15-19	20	5,68	24	6,82	3	5,77	1	1,92
20-24	12	3,41	14	3,98	3	5,77	4	7,69
25-29	11	3,13	10	2,84	4	7,69	1	1,92
30-34	7	1,99	16	4,55	5	9,62	2	3,85
35-39	3	0,85	14	3,98	0	0,00	3	5,77
40-44	7	1,99	8	2,27	3	5,77	2	3,85
45-49	7	1,99	18	5,11	2	3,85	1	1,92
50-54	2	0,57	9	2,56	0	0,00	1	1,92
55-59	4	1,14	8	2,27	1	1,92	1	1,92
60-64	3	0,85	0	0,00	0	0,00	0	0,00
65-69	0	0,00	5	1,42	0	0,00	0	0,00
70 +	1	0,28	6	1,70	0	0,00	0	0,00
S. Inf.	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Total	160	45,45	192	54,55	33	63,46	19	36,54
			352				52	
Razão de Sexos:			83				174	

Fonte: AHE, Livro 229.

Tabela 3

População rural por idade, sexo e condição social - Corumbá, 1850.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-4	384	9,12	307	7,29	25	6,07	22	5,34
5-9	363	8,62	318	7,55	33	8,01	25	6,07
10-14	306	7,27	253	6,01	30	7,28	20	4,85
15-19	257	6,10	262	6,22	31	7,52	25	6,07
20-24	179	4,25	218	5,18	18	4,37	16	3,88
25-29	161	3,82	192	4,56	23	5,58	27	6,55
30-34	101	2,40	109	2,59	9	2,18	20	4,85
35-39	96	2,28	107	2,54	18	4,37	11	2,67
40-44	76	1,81	77	1,83	6	1,46	12	2,91
45-49	67	1,59	49	1,16	7	1,70	5	1,21
50-54	46	1,09	58	1,38	5	1,21	7	1,70
55-59	30	0,71	36	0,86	2	0,49	1	0,24
60-64	40	0,95	43	1,02	4	0,97	0	0,00
65-69	10	0,24	10	0,24	2	0,49	0	0,00
70 +	18	0,43	24	0,57	6	1,46	2	0,49
S. Inf.	1	0,02	12	0,29	0	0,00	0	0,00
Total	2135	50,71	2075	49,29	219	53,16	193	46,84
			4210				412	
Razão de Sexos:		103				113		

Fonte: AHE, Livro 229.

Quando observamos o sexo dos chefes de domicílios, novas diferenciações aparecem. No meio urbano, os domicílios chefiados por homens apresentavam-se habitados majoritariamente por eles (razão de sexos de 162 entre os livres e de 211 entre os escravos) (Tabela 4). Nos domicílios urbanos encabeçados por mulheres, predominavam as mulheres livres (razão de sexos de 47) e havia um menor desequilíbrio entre os sexos dos escravos (Tabela 5). Já no meio rural, a chefia de homens implicava domicílios que, embora fossem predominantemente masculinos, não se apresentavam tão desequilibrados (razão de sexos de 117 entre os livres e de 114 entre os escravos) (Tabela 6). A chefia de mulheres no meio rural implicava um predomínio de mulheres livres (razão de sexos de 64) e um equilíbrio maior entre os cativos (razão de sexos de 112) (Tabelas 7).

Tabela 4

População por faixas etárias, sexo e condição social, em domicílios chefiados por homens, residentes no meio urbano - Corumbá, 1850.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-9	24	15,0	15	9,4				
10-49	65	40,6	41	25,6				
50+	10	6,3	5	3,1				
Total	99	61,9	61	38,1	19	67,9	9	32,1
			160				28	
Razão de Sexos:			162				211	

Fonte: AHE, Livro 229.

Tabela 5

População por faixas etárias, sexo e condição social, em domicílios chefiados por mulheres, residentes no meio urbano - Corumbá, 1850.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-9	28	14,6	20	10,4				
10-49	33	17,2	88	45,8				
50+	0	0,0	23	12,0				
Total	61	31,8	131	68,2	14	58,3	10	41,7
			192				24	
Razão de Sexos:			47				140	

Fonte: AHE, Livro 229.

Tabela 6

População por faixas etárias, sexo e condição social, em domicílios chefiados por homens, residentes no meio rural - Corumbá, 1850.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-9	631	19,1	518	15,6				
10-49	1022	30,9	933	28,2				
50 +	135	4,1	73	2,2				
Total	1788	54,0	1524	46,0	161	53,3	141	46,7
			3312				302	
Razão de Sexos:			117				114	

Fonte: AHE, Livro 229.

Tabela 7

População por faixas etárias, sexo e condição social, em domicílios chefiados por mulheres, residentes no meio rural - Corumbá, 1850.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-9	116	13,1	107	12,1				
10-49	221	25,0	334	37,7				
50 +	9	1,0	98	11,1				
Total	346	39,1	539	60,9	58	52,7	52	47,3
			885				110	
Razão de Sexos:			64				112	

Fonte: AHE, Livro 229.

As mulheres que chefiavam domicílios se dividiam entre as solteiras e as viúvas no meio urbano, enquanto no meio rural predominavam as viúvas (58%), seguidas pelas solteiras (39%). Os homens, por sua vez, eram predominantemente casados: 73% no meio urbano e 90% no meio rural (Tabela 8). Quanto ao estado conjugal daqueles que chefiavam domicílios escravistas, havia um comportamento semelhante, com a ausência de mulheres casadas, tanto no meio urbano quanto no rural. Os homens, todavia, embora fossem em sua maioria casados no meio rural, dividiam-se entre solteiros e casados no meio urbano (Tabela 9). Se nos lembrarmos que esta é uma sociedade onde o casamento tendia a ser o ideal buscado por todos, parece evidente que as mulheres que estavam assumindo a liderança de domicílios eram especialmente aquelas colocadas em “situações de risco” para os padrões de então: as solteiras, em sua maioria com filhos, e as viúvas. Por outro

lado, o meio urbano parece ser o lugar em que uma gama mais ampla de opções estava aberta às mulheres que assumiam a tarefa de conduzir os rumos de seus grupos familiares: o número maior de solteiras chefiando domicílios e a maior presença feminina no interior destes domicílios parece-nos demonstrar isto.

Tabela 8

Estado conjugal dos chefes de domicílios urbanos e rurais - Corumbá, 1850.

Estado conjugal	Mulheres				Homens			
	Meio urbano		Meio rural		Meio urbano		Meio rural	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Solteiro	31	41,9	94	38,7	9	22,0	36	5,5
Casado	14	18,9	9	3,7	30	73,2	590	89,9
Viúvo	29	39,2	140	57,6	2	4,9	30	4,6
Total	74	100,0	243	100,0	41	100,0	656	100,0

Fonte: AHE, Livro 229.

Tabela 9

Estado conjugal dos chefes de domicílios escravistas, urbanos e rurais - Corumbá, 1850.

Estado conjugal	Mulheres				Homens			
	Meio urbano		Meio rural		Meio urbano		Meio rural	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Solteiro	4	57,1	11	37,9	2	50,0	13	17,3
Casado	0	0,0	0	0,0	2	50,0	55	73,3
Viúvo	3	42,9	18	62,1	0	0,0	7	9,3
Total	7	100,0	29	100,0	4	100,0	75	100,0

Fonte: AHE, Livro 229.

Os plantéis escravistas femininos, tanto no meio urbano quanto no rural, eram menores, predominando aqueles com até 10 escravos. Os plantéis chefiados por homens, por sua vez, tendiam a ser maiores, embora o predomínio, tanto em termos de número de plantéis quanto em número de escravos, fosse daqueles com até 10 cativos. O número médio de escravos por plantéis chefiados por mulheres era de 3,4 no meio urbano e de 3,7 no meio rural, enquanto aqueles chefiados por homens ascendiam a 7,0 no meio urbano e 3,9 no meio rural (Tabelas 10 e 11). Os domicílios escravistas chefiados por mulheres tinham, em média, 2,9 pessoas livres no meio urbano e 4,1 no meio rural. Os mesmos domicílios, quando chefiados por homens, apresentavam, em média, 7,5 pessoas livres no meio urbano e 6,3 no meio rural.

Tabela 10

População escrava do meio urbano por tamanho do plantel e chefia do domicílio - Corumbá, 1850.

Plantel	Chefia de Mulheres				Chefia de Homens			
	Domicílios		Escravos		Domicílios		Escravos	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1	2	18,18	2	3,85	0	0,00	0	0,00
1-10	7	63,64	24	46,15	3	27,27	15	28,85
11-19	0	0,00	0	0,00	1	9,09	13	25,00
20 +	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Total	7	63,64	24	46,15	4	36,36	28	53,85
Escravos e Domicílios:	N:			11		52		
	Média:	3,4				7,0		

Fonte: AHE, Livro 229.

Tabela 11

População escrava do meio rural por tamanho do plantel e chefia do domicílio - Corumbá, 1850.

Plantel	Chefia de Mulheres				Chefia de Homens			
	Domicílios		Escravos		Domicílios		Escravos	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1	12	12,00	12	3,07	24	24,00	24	6,14
1-10	27	27,00	82	20,97	66	66,00	200	51,15
11-19	2	2,00	28	7,16	4	4,00	51	13,04
20 +	0	0,00	0	0,00	1	1,00	30	7,67
Total	29	29,00	110	28,13	71	71,00	281	71,87
Escravos e Domicílios:	N:			100		391		
	Média:	3,8				4,0		

Fonte: AHE, Livro 229.

Tomando-se a propriedade em escravos como um indicador de riqueza, parece evidente que as mulheres efetivamente se colocavam em um patamar inferior na sua distribuição. Neste caso, o meio urbano era ainda mais desigual que o rural, refletindo, talvez, o absentismo dos proprietários rurais do sexo masculino. Explicando melhor: o meio urbano atrairia os grandes proprietários, que residiriam aí sem, entretanto, deixarem de se dedicar às atividades agropecuárias. Como na lista nominativa os escravos sempre aparecem junto com seus proprietários, isto poderia explicar as dimensões maiores dos plantéis urbanos chefiados por homens em contraposição à semelhança daqueles plantéis chefiados por mulheres nos meios urbano e rural.

Além de possuírem menos escravos, as mulheres escravistas também chefiavam domicílios menores, tanto no campo quanto na cidade, e com enorme predomínio de mulheres em seu interior. Isto parece indicar

uma maior precariedade econômica daqueles domicílios, especialmente em um momento em que os membros do grupo familiar (filhos, parentes, agregados) tinham um peso crucial como força de trabalho, associado à importância com que o trabalho masculino deveria se revestir em uma sociedade baseada na agropecuária. Por outro lado, vale destacar que possuir escravos já significava, em meados do século XIX, fazer parte da minoria da população que detinha a maior parte da riqueza. Assim, certamente as diferenças de oportunidades entre as mulheres proprietárias de cativos e aquelas que não os possuíam eram muito maiores que as diferenças entre proprietários escravistas de sexos diferentes. Infelizmente, não é possível confirmar tais afirmações por não se dispor de um indicador de riqueza universal, que abrangesse também a população não proprietária de cativos.

Podemos, portanto, afirmar que o arraial de Corumbá era um ambiente marcado pela presença majoritária de mulheres e com a maioria dos seus domicílios por elas chefiados, ao passo que no campo os homens predominavam à testa dos domicílios. Os domicílios femininos apresentavam-se habitados predominantemente por mulheres, tanto no meio urbano quanto no meio rural. Por outro lado, as mulheres que chefiavam domicílios tendiam a ser solteiras ou viúvas, em contraposição ao predomínio de homens casados na chefia dos domicílios masculinos. Aliado a isto, havia uma clara diminuição do tamanho dos plantéis escravistas quando a chefia era de mulheres, face àqueles chefiados por homens. Estes achados parecem reforçar a visão geral acerca da presença ativa de mulheres na sociedade imperial, embora se reconheça uma maior precariedade da sobrevivência destas mulheres alçadas à chefia de domicílios.⁸

2. A freguesia de Bonfim

O arraial de Bonfim (atual Silvânia) originou-se das últimas descobertas auríferas da Capitania de Goiás, já na década de 1770. Também reorientou-se para a agropecuária após o declínio da mineração, sendo o arraial favorecido pela localização privilegiada na estrada que seguia de Goiás para a região de Paracatu, em Minas Gerais. Passando por ali em 1819, Auguste de Saint-Hilaire testemunhou a importância desta estrada para os agricultores locais, pois as tropas que cruzavam a

região eram um escoadouro seguro para seus produtos. Acrescentou o mesmo viajante que “não somente o Arraial de Bomfim nas toda a região que percorri até ali acha-se em muito melhor situação, devido à sua localização numa rota muito transitada, do que as terras que se estendem a partir da fronteira de Minas até ao Arraial de Corumbá” (1975, p.104). No mesmo ano, Johann Emanuel Pohl afirmava que os moradores do lugar “que antes viviam da exploração do ouro, preferem agora, em razão do empobrecimento das lavras, a cultura de milho e legumes e a criação do gado” (1976, p.291).

Um relatório da Câmara Municipal encaminhado à Presidência da Província em 1848 indicava a importância da agropecuária, reforçada pela vinda de migrantes mineiros e paulistas:

“O Município de Bonfim he hum dos que na Provincia tem progredido, principalmente depois que para elle sucessivamente tem emtrado e estabelecido muitas famílias da Provincia de Minas Gerais, e São Paulo: cujos entrantes sendo laburiosos em suas lavouras tem não só animado a ellas, mas sim tãobem interessado aos habitantes do Paiz comprando fazendas de Criar por alto presso, the então desconhecido; por isso que he este municipio hum dos que apresenta melhor lavoura, Sendo fertil de campos e mattos, e produz qulaquer especie de grão. A maior parte de seos habitantes são lavradores e crião gado vacum, e Cavallar; e muitas fazendas ha, em que creão porçõens de burros que se exporta annualmente e mesmo, vende-se no Municipio de quarenta a cincoenta. (...) O Gado, como fica dito, a Cana, o Café, o Fummo, os porcos, e os quejos, que se fazem no districto da Villa para mais de doze mil, formão as principaes exportações deste Municipio onde ja se fabricão (devido aos Mineiros) lindissimos teçumes de algodão, e lãn de diferentes cores e padroens, que São muito procurados por imitarem em tudo aos melhores, que se fabricão em Minas”.⁹

Quanto ao núcleo urbano, Saint-Hilaire destacou suas pequenas dimensões em 1819, deixando-nos um retrato do bucolismo do lugar:

“Compõe-se de algumas ruas pouco extensas e de uma praça triangular, onde está situada a igreja de N. S. Jesus do Bom Fim. A igreja é muito pequena, mas à época de minha viagem estava sendo construída uma outra. As casas são igualmente pequenas, mas bem conservadas. Ficam afastadas umas das outras, e todas têm um quintal onde se vêem principalmente bananeiras e mamoeiros.” (1975, p.103-4).

Pohl, à mesma época, destacou o seu aspecto de fortaleza, derivado tanto da sua localização em uma colina quanto das profundas escavações provocadas pelas lavras de ouro. Suas três ruas formavam um “T” latino, com casas pequenas, construídas de barro e cobertas de telha. Contava então com três igrejas, quase em ruínas (Pohl, 1976, p.291).

O arraial foi elevado a freguesia em 1830, embora só tenha efetivado sua transformação em paróquia em 1833, juntamente com a elevação a vila, em 2 de março daquele ano. Em 5 de outubro de 1857, a vila foi elevada à categoria de cidade, título que, embora não tivesse conseqüências práticas significativas para a administração local, demonstrava o relevo por ela alcançado no universo das localidades goianas de meados do século XIX.¹⁰

Em 1841, o lançamento do imposto da décima urbana apresentava um total de sete logradouros: o largo da Matriz, onde vivia o vigário Reverendo João Batista de Souza; a rua Direita, a maior e mais importante; as ruas de Santo Antônio, do Fogo, do Campo, da Boa Vista e do Sarandaje, mais modestas. A lista nominativa de habitantes de 1851, por sua vez, apresentou o arraial dividido em: largo da Matriz, rua de Traz, rua Direita, rua do Baú, rua do Fogo, rua do Rosário, largo do Rosário, rua do Campo, rua Nova, rua da Boa Vista, rua de Santo Antônio, rua do Coelho, rua do Sarandaje e rua do Lava-pés, com um total de 237 domicílios.¹¹

Este crescimento do núcleo urbano está refletido no indisfarçável orgulho com que a Câmara Municipal, no relatório de 1848 citado acima, descreve alguns benefícios de que dispunham seus moradores. A Instrução Pública contava com uma aula de Gramática Latina, uma de primeiras letras e duas particulares, “sendo hua de meninas, que he frequentada constantemente por doze meninas, que aprendem a ler, escrever, e costurar”, todas com “mestres assíduos no cumprimento de seus deveres”. A cadeia tinha diversas prisões, contendo acima um sobrado com três salas onde a Câmara celebrava suas sessões e se reunia o Juri, em bom estado de conservação e sem a necessidade de reparos. A Igreja Matriz, por sua vez, em estado de ruína e pequena, fora desmanchada para que se pudesse construir uma nova no mesmo lugar, conforme deliberara uma junta que se fez dos cidadãos da vila. Já havia sido adquirido parte do material para a obra graças a uma subscrição feita “entre os povos deste Município, para o que todos tem comcorrido com praser reinando em todos huma so vontade”.

A lista nominativa da freguesia de Bonfim também revela uma população jovem, embora com um equilíbrio entre sexos muito maior que em Corumbá, inclusive entre os cativos. Até mesmo a migração evidenciada na documentação de época não parece ter provocado desequilíbrios na estrutura etária, indicando, provavelmente, para um padrão de migração de grupos familiares completos. A razão de sexos entre os livres era de 99 e entre os cativos de 110, com estes respondendo por 13,3% da população total (Tabela 12).

Tabela 12

População por idade, sexo e condição social - Bonfim, 1851.

Faixas Etárias	Livres					Escravos				
	Homens		Mulheres		Razão de Sexos	Homens		Mulheres		Razão de Sexos
	N	%	N	%		N	%	N	%	
0-4	322	7,84	357	8,69	90	29	4,60	30	4,75	97
5-9	343	8,35	325	7,91	106	41	6,50	37	5,86	111
10-14	327	7,96	281	6,84	116	50	7,92	33	5,23	152
15-19	202	4,92	223	5,43	91	21	3,33	30	4,75	70
20-24	187	4,55	226	5,50	83	45	7,13	39	6,18	115
25-29	146	3,55	130	3,16	112	25	3,96	19	3,01	132
30-34	131	3,19	135	3,29	97	31	4,91	25	3,96	124
35-39	98	2,39	107	2,60	92	28	4,44	21	3,33	133
40-44	85	2,07	99	2,41	86	27	4,28	31	4,91	87
45-49	67	1,63	45	1,10	149	4	0,63	7	1,11	57
50-54	54	1,31	62	1,51	87	19	3,01	20	3,17	95
55-59	30	0,73	14	0,34	214	3	0,48	5	0,79	60
60-64	31	0,75	34	0,83	91	6	0,95	1	0,16	-
65-69	10	0,24	6	0,15	167	0	0,00	2	0,32	-
70 +	19	0,46	13	0,32	146	1	0,16	1	0,16	100
S. Inf.		0,00		0,00	-	0	0,00		0,00	-
Total	2052	49,94	2057	50,06	100	330	52,30	301	47,70	110
			4109					631		

Obs.: Estão excluídas 2 pessoas sem informação do sexo, 3 pessoas sem informação da condição (entre 0-4, 10-14 e 25-29 anos) e 2 pessoas livres sem informação do sexo (entre 10-14 e entre 20-24 anos).

Fonte: AHE, Livro 235.

Aqui também aparecem diferenças entre o meio urbano e o rural, embora numa inversão com relação a Corumbá. Na vila, havia um desequilíbrio a favor dos homens livres (razão de sexos de 135) e das mulheres escravas (razão de sexos de 78), enquanto no interior da freguesia predominavam as mulheres livres (razão de sexos de 93) e os homens escravos (razão de sexos de 117) (Tabelas 13 e 14).

Tabela 13

População urbana por idade, sexo e condição social - Bonfim, 1851.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-4	52	7,03	41	5,54	5	5,10	6	6,12
5-9	45	6,08	61	8,24	7	7,14	6	6,12
10-14	56	7,57	48	6,49	7	7,14	12	12,24
15-19	35	4,73	35	4,73	3	3,06	6	6,12
20-24	27	3,65	18	2,43	6	6,12	1	1,02
25-29	34	4,59	14	1,89	1	1,02	4	4,08
30-34	42	5,68	20	2,70	4	4,08	6	6,12
35-39	39	5,27	27	3,65	5	5,10	3	3,06
40-44	31	4,19	16	2,16	2	2,04	1	1,02
45-49	11	1,49	12	1,62	0	0,00	0	0,00
50-54	17	2,30	12	1,62	2	2,04	8	8,16
55-59	8	1,08	4	0,54	1	1,02	2	2,04
60-64	10	1,35	6	0,81	0	0,00	0	0,00
65-69	3	0,41	2	0,27	0	0,00	0	0,00
70 +	7	0,95	6	0,81	0	0,00	0	0,00
S. Inf.	0	0,00	1	0,14	0	0,00	0	0,00
Total	417	56,35	323	43,65	43	43,88	55	56,12
			740				98	
Razão de Sexos:			129				78	

Fonte: AHE, Livro 235.

Tabela 14

População rural por idade, sexo e condição social - Bonfim, 1851.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-4	270	8,01	316	9,38	24	4,51	23	4,32
5-9	298	8,84	264	7,83	34	6,39	31	5,83
10-14	271	8,04	233	6,91	43	8,08	21	3,95
15-19	167	4,96	188	5,58	18	3,38	24	4,51
20-24	160	4,75	208	6,17	39	7,33	38	7,14
25-29	112	3,32	116	3,44	24	4,51	15	2,82
30-34	89	2,64	115	3,41	27	5,08	19	3,57
35-39	59	1,75	80	2,37	23	4,32	18	3,38
40-44	54	1,60	83	2,46	25	4,70	30	5,64
45-49	56	1,66	33	0,98	4	0,75	7	1,32
50-54	37	1,10	50	1,48	17	3,20	12	2,26
55-59	22	0,65	10	0,30	2	0,38	3	0,56
60-64	21	0,62	28	0,83	6	1,13	1	0,19
65-69	7	0,21	4	0,12	0	0,00	2	0,38
70 +	12	0,36	7	0,21	1	0,19	1	0,19
S. Inf.	0	0,00	0	0,00		0,00		0,00
Total	1635	48,52	1735	51,48	287	53,95	245	46,05
			3370				532	
Razão de Sexos:			94				117	

Fonte: AHE, Livro 235.

Na análise dos domicílios, só foi possível trabalhar com aqueles da vila ou que possuíam escravos.^{1 2} Na vila, os domicílios chefiados por homens eram compostos predominantemente por homens livres (razão de sexos de 116), com relativo equilíbrio entre os escravos (razão de sexos de 117), enquanto os domicílios femininos eram habitados majoritariamente por mulheres, tanto livres quanto escravas (razão de sexos de, respectivamente, 41 e 37) (Tabelas 15 e 16). As mulheres que chefiavam domicílios na vila eram predominantemente solteiras (57%), seguidas das viúvas (27%) e das casadas (16%), enquanto os homens eram, sobretudo, casados (72%) e solteiros (23%), com alguns viúvos (5%) (Tabela 17). No que diz respeito ao estado conjugal das mulheres à frente de domicílios escravistas, elas eram principalmente viúvas no meio rural (70%) e solteiras no meio urbano (53%). Os homens, por sua vez, apresentavam-se sempre majoritariamente casados (70% no meio urbano e 81% no meio rural) (Tabela 18). No meio urbano, os homens chefiavam plantéis escravistas maiores que as mulheres: respectivamente, médias de 3,4 e 2,0 cativos por domicílio. Já no meio rural, invertia-se a ordem: as mulheres possuíam em média 5,8 escravos enquanto os homens detinham 4,7 cativos (Tabelas 19 e 20).

Tabela 15

População por faixas etárias, sexo e condição social, em domicílios chefiados por homens, residentes no meio urbano - Bonfim, 1851.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-9	58	14,0	66	16,0	9	12,3	10	13,7
10-49	134	32,4	117	28,3	24	32,9	22	30,1
50 +	30	7,3	8	1,9	3	4,1	5	6,8
Total	222	53,8	191	46,2	36	49,3	37	50,7
			413				73	
Razão de Sexos			116				97	

Fonte: AHE, Livro 235.

Tabela 16

População por faixas etárias, sexo e condição social, em domicílios chefiados por mulheres, residentes no meio urbano - Bonfim, 1851.

Faixas Etárias	Livres				Escravos			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	N	%	N	%	N	%	N	%
0-9	44	12,7	31	8,9	3	11,5	2	7,7
10-49	56	16,1	158	45,5	4	15,4	12	46,2
50 +	1	0,3	57	16,4	0	0,0	5	19,2
Total	101	29,1	246	70,9	7	26,9	19	73,1
			347				26	
Razão de Sexos			41				37	

Fonte: AHE, Livro 235.

Tabela 17

Estado conjugal dos chefes de domicílios urbanos - Bonfim, 1851.

Estado conjugal	Mulheres		Homens	
	N	%	N	%
Solteiro	74	56,9	25	23,1
Casado	21	16,2	78	72,2
Viúvo	35	26,9	5	4,6
Total	130	100,0	108	100,0

Fonte: AHE, Livro 235.

Tabela 18

Estado conjugal dos chefes de domicílios escravistas, urbanos e rurais - Bonfim, 1851.

Estado conjugal	Mulheres				Homens			
	Meio urbano		Meio rural		Meio urbano		Meio rural	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Solteiro	8	53,3	4	16,7	5	22,7	10	11,9
Casado	2	13,3	3	12,5	15	68,2	68	81,0
Viúvo	5	33,3	17	70,8	2	9,1	6	7,1
Total	15	100,0	24	100,0	22	100,0	84	100,0

Fonte: AHE, Livro 235.

Tabela 19

População escrava do meio urbano por tamanho do plantel e chefia do domicílio - Bonfim, 1851.

Plantel	Chefia de Mulheres				Chefia de Homens			
	Domicílios		Escravos		Domicílios		Escravos	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1	10	27,03	10	9,62	12	32,43	12	11,54
1-10	15	40,54	30	28,85	20	54,05	50	48,08
11-19	0	0,00	0	0,00	2	5,41	24	23,08
20 +	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Total	15	40,54	30	28,85	22	59,46	74	71,15
Escravos e Domicílios:	N:				37		104	
	Média:		2,0				3,4	

Fonte: AHE, Livro 235.

Tabela 20

População escrava do meio rural por tamanho do plantel e chefia do domicílio - Bonfim, 1851.

Plantel	Chefia de Mulheres				Chefia de Homens			
	Domicílios		Escravos		Domicílios		Escravos	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1	4	3,64	4	0,74	20	18,18	20	3,70
1-10	21	19,09	84	15,56	77	70,00	280	51,85
11-19	3	2,73	36	6,67	8	7,27	116	21,48
20 +	1	0,91	24	4,44	0	0,00	0	0,00
Total	25	22,73	144	26,67	85	77,27	396	73,33
Escravos e Domicílios:					110			540
								4,7

Fonte: AHF, Livro 235.

A vila de Bonfim, ao contrário da de Corumbá, era um ambiente masculino, o que não descartava a presença de mulheres à testa de domicílios. Esta maior presença de domicílios masculinos pode estar ligada ao fato de Bonfim ser um núcleo urbano de maiores dimensões (237 domicílios contra 116 em Corumbá) e de ser cabeça de um município, o que implicava na presença de um aparato burocrático maior, campo de atuação exclusivamente masculino (aparecem na lista de Bonfim um juiz de direito, um tabelião e três padres, enquanto em Corumbá aparece apenas um padre como representante da burocracia imperial). Novamente, a liderança feminina dos domicílios aparece ligada a situações precárias em suas vidas, como a viuvez ou a presença de filhos ilegítimos, mostrando que, embora a mulher não ocupasse a posição passiva tantas vezes enfatizada por uma historiografia de feição mais tradicional, também não esteve na direção dos rumos desta sociedade, que permanece marcadamente masculina.

Abstract:

In Brazil, studies concerning family and household, including considerations about gender, increased very much in last decades, but the works are concentrated in some regions. So, I want to study a new region, the province of Goiás, focusing two parishes, Bonfim and Corumbá. For these places, the lists of households made about 1850 include names, ages, color, marital status and social condition (free people or slaves) for all population. In this work I seek to analyze the total population and the households,

searching the way in which the location of households (urban or rural ones) and the sex of the household head was important in the determination of its characteristics.

Key-words: Gender, Family, Household, Historical Demography, Brazil.

Notas

- 1 Samara (1988/1989, 1994 e 1997) traz balanços acerca dos estudos de família e de gênero no Brasil. Em Samara & Costa (1984), há um levantamento dos estudos de demografia histórica, embora encontre-se defasado em função dos amplos avanços na última década. Para análises mais panorâmicas da trajetória da demografia histórica no Brasil, ver Marcílio (1997), Nadalin (1997) e Motta & Costa (1997).
- 2 Para uma visão da história de Goiás no seu primeiro século de ocupação portuguesa, ver Palacin (1994) e Salles (1992).
- 3 Em Funes (1986), mostra-se o processo de transição da mineração à agropecuária. Esta transição de uma a outra atividade teria levado ao surgimento de uma visão bastante difundida dentro da historiografia goiana, que vê o século XIX como um período de estagnação e mesmo decadência econômica. Estudos recentes têm procurado rebater esta visão, mostrando-a mais como uma construção posterior e apropriada como justificadora de projetos modernizantes levados adiante pelos setores das elites locais que assumem o poder com a Revolução de 30. Esta revisão encontra-se bastante desenvolvida em Chaul (1997).
- 4 Arquivo Histórico Estadual de Goiás (doravante referenciado como AHE), Livro 229, Arrolamento dos Habitantes de Corumbá, 1850; e Livro 235, Arrolamento dos Habitantes de Bonfim, 1851.
- 5 AHE, Corumbá, Caixa 1, Relatório da Câmara Municipal da Vila de Corumbá ao Presidente da Província de Goiás, 22/03/1855.
- 6 Em 1863, Corumbá perdeu o *status* de vila, recuperado apenas em 23 de julho de 1875. Informações sobre a história local e a evolução político-administrativa de Corumbá de Goiás podem ser obtidas em Curado (1996).

- 7 A razão de sexos é obtida dividindo-se o número de homens pelo de mulheres. Em uma população equilibrada, que não esteja sofrendo os efeitos de migrações seletivas muito fortes, seus valores podem variar entre 0,96 (pequeno predomínio de mulheres, o mais comum) e 1,02 (pequeno predomínio de homens).
- 8 A este respeito, ver Dias (1995) e Samara (1989).
- 9 AHE, Silvânia, Caixa 2, Relatório da Câmara Municipal de Bonfim para o Presidente da Província, 04/04/1848.
- 10 Sobre a história local da atual cidade de Silvânia, ver Borges (1981) e Miranda (1997).
- 11 AHE, Silvânia, Caixa 2, 1841.
- 12 A lista nominativa dos habitantes de Bonfim não apresenta, a partir de certa altura, a divisão por domicílios. Para determinar o início e o fim de cada um deles, será necessário um estudo mais acurado que evidencie o padrão de distribuição dos membros dentro dos seus fogos. Como de início isto é mais fácil de ser realizado com aqueles que possuem escravos, optei por trabalhar com este grupo agora, deixando para trabalhos posteriores a tarefa de explorar mais convenientemente a composição dos domicílios da zona rural.

Referências Bibliográficas

- BORGES, Humberto Crispim. *História de Silvânia*. Goiânia: Cerne, 1981.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia (GO): Editora da UFG, Editora da UCG, 1997.
- CURADO, Ramir. *Corumbá de Goiás: estudos sociais*. Brasília: Ser, 1996.
- DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FUNES, Eurípedes. *Goiás, 1800-1850: um período de transição da mineração à agropecuária*. Goiânia (GO): UFG, 1986.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. A demografia histórica brasileira neste final de milênio. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Brasília. 14 (1/2): 125-143, jan./dez. 1997.

MIRANDA, Déa Márcia Carneiro. *População e escravidão numa freguesia goiana: Bonfim, 1770 a 1870*. Goiânia: UFG, 1997. (Monografia de Bacharelado – História)

MOTTA, José Flávio, COSTA, Iraci del Nero da. Demografia histórica: da sementeira à colheita. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Brasília. 14 (1/2): 151-157, jan./dez. 1997.

NADALIN, Sérgio Odilon. A propósito de um balanço da demografia histórica. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Brasília. 14 (1/2): 145-149, jan./dez. 1997.

PALACIN, Luis. *O século do ouro em Goiás, 1722-1822*. 4 ed. Goiânia (GO): Editora da UCG, 1994.

PALACÍN, Luis, MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. *História de Goiás (1722-1972)*. 5 ed. Goiânia: Editora da UCG, 1989.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1976.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975.

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. *Economia e escravidão na Capitania de Goiás*. 2 ed. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

_____. A história da família no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. 9(17): 7-35, set.1988/fev.1989.

_____. *Feminismo, cidadania e trabalho: o Brasil no contexto latino-americano nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: USP, 1994. (Tese de Livre-Docência – História)

_____. A família no Brasil: história e historiografia. *História Revista*. Goiânia. II (2): 7-21, jul./dez. 1997.

SAMARA, Eni de Mesquita, COSTA, Iraci del Nero da. *Demografia histórica, bibliografia brasileira*. São Paulo: IPE/USP, 1984.